

Tribos rejeitam encontro com FH

■ Proposta foi recusada três vezes com vaias

JAILTON DE CARVALHO
 Enviado especial

PORTO SEGURO – Os 4 mil índios das diversas tribos que estão participando da Conferência das Nações e Organizações Indígenas em Coroa Vermelha, município de Porto Seguro, decidiram rejeitar o convite para participar de uma reunião com o presidente Fernando Henrique Cardoso, hoje, dia do Descobrimento. Submetida ao plenário da conferência, no início da noite de ontem, a proposta de audiência com o presidente foi reprovada, com vaias, por três vezes. A conferência termina hoje ao meio dia.

“Claro que precisamos conversar com o presidente Fernando Henrique. Mas não agora, para não mudar o sentido dessa conferência”, afirmou o presidente do Conselho de Caciques do Extremo Sul da Bahia, Nailton Pataxó. Segundo ele, os índios têm muitos assuntos a tratar com o presidente, mas uma audiência com Fernando Henrique só deve acontecer depois das manifestações pelos 500 anos do Descobrimento. Para os índios, um eventual encontro com ele agora poderia esvaziar os protestos dos segmentos insatisfeitos com os 500 anos de história do país.

Reivindicações – “Nós estamos aqui, no paralelo, para fazer um protesto. Não é hora de participar de uma conversa no oficial”, disse Nailton, pouco depois de o plenário recusar o convite do presidente. De acordo com ele, os índios pretendem divulgar, em praça pública, um documento com críticas à situação do país e também com um conjunto de reivindicações.

Entre as principais exigências da conferência, estão as imediatas demarcação e desocupação de garimpeiros, grileiros e fazendeiros de todas as terras indígenas. Os índios também pedem tratamento especial em saúde e educação. Sugerem é que os professores sejam índios e, de preferência, bilíngues. A ideia é que os índios possam ler e escrever não apenas em português, mas no dialeto próprio de cada tribo. Os índios estão descontentes com os serviços da Fundação Nacional de Saúde e querem mudanças no sistema.

Eles estão irritados também com o projeto do governo sobre o Estatuto do Índio, em tramitação no Congresso Nacional: “O Estatuto não está de acordo com a proposta dos povos indígenas”, disse o vice-cacique da tribo Pataxó Hã Hã Hã. Os quatro mil índios deverão participar também da marcha do Movimento Outros 500, com representantes de entidades, que vão do movimento negro aos punks.

A marcha dos Outros 500, protesto que se oporá às comemorações oficiais pelos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, será realizada entre Coroa Vermelha e o centro de Porto Seguro, enquanto o presidente Fernando Henrique estará recepcionando o presidente de Portugal, Jorge Sampaio, no centro histórico de Porto Seguro. O percurso da marcha é de aproximadamente 20 quilômetros.

Tranquilidade – Mas, mesmo com a disposição dos líderes dos Outros 500 de fazer um protesto histórico, o clima em Porto Seguro ontem era de tranquilidade. Até o início da noite, a Polícia Militar, que preparou um forte esquema de segurança na cidade, não registrou nenhum incidente de cunho político.

“A gente veio com um pouco de receio. Mas está tudo tranquilo por aqui”, afirmou a assistente social aposentada Eliete Fanti Ferrari, 54 anos. Eliete, que mora em Vitória, está em Porto Seguro em companhia do marido, apenas para acompanhar as comemorações dos 500 anos.



Enquanto esperam a hora de protestar os índios da tribo pataxó ensaiam rituais de guerra

Capitânia: ação contra Greca

SONIA CARNEIRO

COMANDATUBA (BA) – As falhas no sistema de propulsão da nau capitânia, réplica da embarcação utilizada por Pedro Álvares Cabral para descobrir o Brasil, deverão custar um processo ao ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca. O procurador Luiz Francisco de Souza, procurador da República no Distrito Federal anunciou que ingressará após os feriados da semana santa com uma ação de improbidade administrativa contra o ministro. O procurador alega que a assinatura do convênio para a construção da embarcação dispensou licitação pública e os gastos foram considerados “exagerados”.

A nau que ficou dois anos em construção e custou R\$ 3,5 milhões apresentou problemas e não conseguiu sair de Salvador para Porto Seguro. A nau iria li-

derar a frota de 40 embarcações que participam da quarta etapa da Regata Oceânica em comemoração aos 500 anos do Descobrimento. Os engenheiros alegaram que o sistema de propulsão a vela não funcionou de forma conveniente e consideraram ariscado manter a viagem até Porto Seguro, contornando a costa baiana. A previsão é a de que a réplica da nau capitânia só consiga zarpar de Salvador no sábado, devendo chegar somente na segunda-feira a Porto Seguro, depois do espetáculo da encenação sobre a chegada dos portugueses prevista para sábado.

O procurador Luiz Francisco estranhou que os dois anos que a equipe teve de prazo para a construção do barco não tenham sido suficientes para deixar a embarcação em condições de navegação. Construído para ser um barco muito mais sofisticado do que

o de Cabral, com dois motores de 285 hps cada um, de potência, na prática a réplica mostrou-se bem mais ineficiente que as velhas e inseguras caravelas que atravessaram o oceano Atlântico há 500 anos atrás. Para o procurador, existem suspeitas de má aplicação de recursos públicos.

Entretanto, o ministro Rafael Greca informou através de sua assessoria que não houve desperdício na destinação dos recursos para a construção da nau. A assessoria garantiu que a embarcação é de ótima qualidade porém em virtude de atrasos na liberação do orçamento, o cronograma de execução do projeto teve que ser modificado e só na semana passada foram realizados os testes de segurança. O ministro não foi localizado pois estava em trânsito para Porto Seguro onde participará da festa dos 500 anos.

Quem sabe de aldeia é índio

FRITZ UTZERI*

Hoje, quando o Brasil está para completar 500 anos, vivemos a era da aldeia global da internet, e do satélite, invenções do homem dito civilizado. Mas quem está provando, nesta festa de desencontros, que entende de aldeia, incluindo a aldeia global, são os índios.

Organizados, mobilizados, apoiados por uma miríade de ONGs, eles estão dando um show de comunicação e marketing, tão competente que deixa a nu, mais do que nunca, a dificuldade dos governos (o atual não é exceção), de comunicar-se com a opinião pública. Foram precisos 500 anos de sofrimentos para que os índios, usando as armas do homem civilizado, fossem à forra.

Se conselho vale, FH deveria dar férias a seu soporífero porta-voz, Gerges Lamazière e reciclar toda a assessoria de comunicação (incluindo agências de propaganda), e contratar, com urgência, um grupo de pataxós para ensinar a prática de comunicação a nossos comunicólogos do Planalto. Sairia bem barato e os índios fariam melhor.

Vemos na TV índios na internet, em contato com ONGs, reivindicando seus direitos, e chamando a atenção de toda a imprensa internacional para o seu problema, enquanto o governo trata a questão como folclore, ou aproveita a ocasião para propor uma emancipação prejudicial, conforme alerta Orlando Villas Boas, um brasileiro que não poderia estar à margem de uma ocasião destas, se fosse séria.

A festa paralela, como a Conferência dos Povos e Organizações Indígenas de

Porto Seguro, da qual participam mais de quatro mil índios, atrai muito mais a atenção do mundo e traz à tona questões sérias, muito mais importantes do que os detestados relógios de Hans Donner que poluem visualmente nossas praias e se tornaram o alvo favorito dos protestos dos que não foram convidados para a festa, leia-se o povo brasileiro.

O que vai haver é uma comemoração cenográfica, pífia reconstrução, para a qual o governo está convidando uma delegação de 20 índios. 20 ÍNDIOS! Quando Cabral chegou aqui, encontrou centenas na praia (havia milhões na terra), e todos, nus, assistiram, sem qualquer problema, à primeira missa de Frei Henrique de Coimbra. Agora, para a repetição da farsa da história, apenas 20 índios vão poder assistir. Na missa, talvez usem índios de minissérie.

Do lado “civilizado”, os vexames se acumulam. Cabral vai chegar atrasado, lá pelo dia 24. A nau portuguesa do descobrimento, nada tem a ver com as que aqui vieram na expedição descobridora, e a Marinha demonstrou, no ano 2000, que não consegue construir direito e a tempo, uma caravela do século 16, tarefa que Portugal, um país pobre com 1,5 milhão de habitantes, fazia rotineiramente em 1500.

Voltando aos índios, eles apontam para um caminho original e possível para o futuro. Aceitar o progresso e a modernidade, usá-los, perseguí-los, mas respeitar a natureza, a cultura e as tradições. O homem civilizado agradece a lição.

* Diretor de Redação